

POR UMA BIBLIOTECONOMIA MAIS SOCIAL: INTERFACES E PERSPECTIVAS

Catia Lindemann¹

Daniela Spudeit²

Elisa Cristina Delfini Corrêa³

RESUMO: Por meio de uma discussão teórico-prática, o presente trabalho objetiva apresentar considerações em relação às interfaces e perspectivas da Biblioteconomia Social enquanto objeto de pesquisa e de atuação na sociedade. Existe a necessidade de promover o acesso e mediação da informação tanto no ambiente digital quanto nos ambientes analógicos tradicionais, para que as pessoas sejam capazes de refletir e desenvolver um senso crítico para exercer seus direitos, sua cidadania e viver em uma sociedade mais justa e igualitária. Caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e exploratória de acordo com o objetivo e bibliográfica em relação aos meios utilizados. Conclui-se que se faz necessário um repensar teórico e prático na formação e atuação do bibliotecário na atualidade, que seja capaz de quebrar paradigmas e buscar meios de corresponder às demandas de informação todas as pessoas, levando a profissão a reestruturar-se a fim de tornar-se socialmente relevante no cotidiano *on e off line* em uma nova sociedade que se configura cada vez mais colaborativa e conectada.

Palavras-chave: Biblioteconomia Social. Biblioteconomia – Formação. Biblioteconomia – Atuação. Cultura digital.

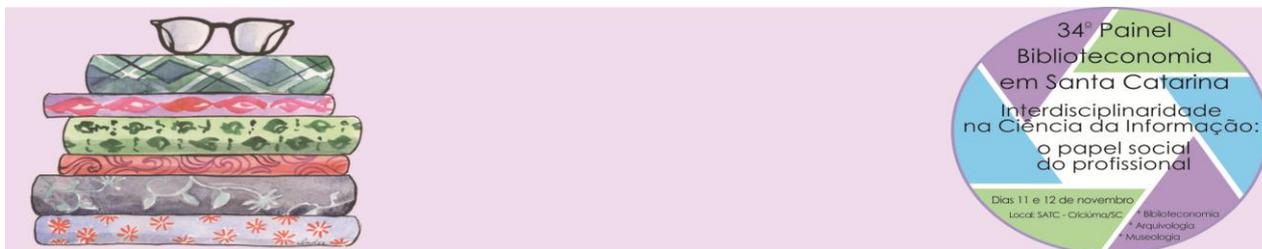
1 INTRODUÇÃO

As revoluções, descobertas e crises sempre marcaram épocas, quebraram paradigmas e ocasionaram mudanças na sociedade. Desde os primórdios da civilização acompanha-se a evolução do registro do conhecimento, da escrita, das publicações e das bibliotecas nesse contexto social. Apesar de já existirem bibliotecas desde a Antiguidade, como as famosas

¹ Bibliotecária formada pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), militante de Biblioteconomia Social com atuação em Bibliotecas Prisionais e Mediação Da Leitura para Populações Socialmente Vulneráveis. Áreas de interesse: Biblioteconomia Social, Bibliotecas no Cárcere, Bibliotecas Comunitárias e Alternativas, Mediação da Leitura, Bibliotecas Escolares, Projetos em Biblioteconomia, Direitos Humanos e Informação. Email: catialindemann@hotmail.com

² Professora no curso de graduação em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação de Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Possui mestrado em Ciência da Informação pela UFSC, especialização em Gestão de Unidades de Informação pela UDESC, especialização em Didática do Ensino Superior pelo SENAC, bacharelado em Biblioteconomia pela UFSC e licenciatura em Pedagogia pela UDESC. Atualmente coordena o Grupo de Bibliotecários da Área Escolar em Santa Catarina (GBAESC), é vice-presidente da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN), editora da Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação (REBECIN). E-mail: danielaspudeit@gmail.com

³ Graduada em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1995), mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999) e doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008). Atualmente é professora titular da Universidade do Estado de Santa Catarina, ministrando disciplinas de Fontes de Informação e Gestão de Estoques Informacionais. É docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, ministrando as seguintes disciplinas no Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação: Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Contexto Informacional Contemporâneo e Competência em Informação para a Gestão de Unidades de Informação. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Processos de Disseminação da Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: pesquisas relacionadas ao uso do computador pela CI e Biblioteconomia com ênfase na análise sociotécnica, redes e mídias sociais enquanto fontes de informação e competência em informação. E-mail: elisacorrea61@gmail.com



Bibliotecas de Alexandria e de Pérgamo, foi somente no século XIX que surgiu uma área destinada aos estudos das bibliotecas e dos livros, a Biblioteconomia.

Burke (2003) versa sobre essas revoluções e descobertas ressaltando a trajetória da construção do conhecimento na sociedade englobando importantes revoluções intelectuais, a exemplo do Renascimento, da Revolução Científica e do Iluminismo da Europa moderna, invenção da imprensa, criação da enciclopédia entre tantos outros marcos importantes para a história do conhecimento.

Nesse bojo, o autor explica que com a invenção da imprensa, as bibliotecas além de expandirem seus acervos, passaram a atuar como sedes de conhecimento. Naquela época, assim a exemplo dos cafés e livrarias, as bibliotecas se tornaram centros de estudos, lugares de debates entre intelectuais e espaços de sociabilidade de ideias e troca de informações, rompendo seu vínculo único e exclusivo com o silêncio e a leitura. Por meio desse autor, se percebe a importância das bibliotecas para a compreensão dos fenômenos sociais e a função que esse espaço tinha para as pessoas naquela época (BURKE, 2014).

Atualmente, o mesmo fenômeno vem ocorrendo devido à grande quantidade de informação produzida na sociedade. Burke (2014) defendeu os vários papéis das bibliotecas e dos bibliotecários na história do conhecimento, principalmente no século XXI em que se caracteriza pela explosão do conhecimento, tanto na quantidade quanto na fragmentação. Para o autor, a aquisição e da acumulação do conhecimento não é a de uma história vitoriosa, em progresso constante, mas sim algo que precisa ser construído por se tratar de um fenômeno social.

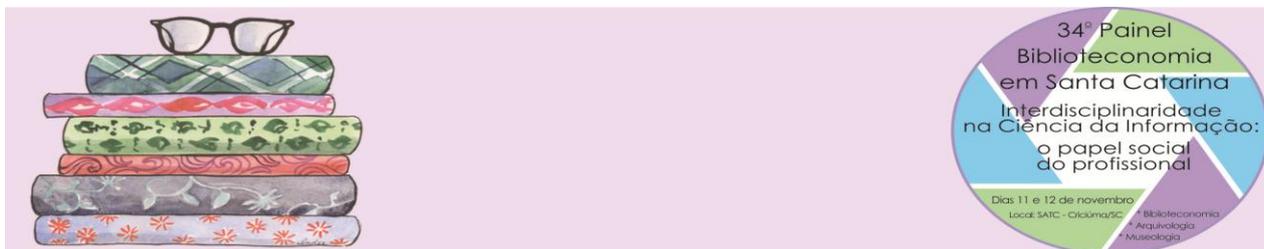
Em decorrência desses fenômenos sociais, Rover e Dziekaniak (2012) apresentam as características e demandas da atual sociedade que deve ser baseada no uso compartilhado de recursos para a construção coletiva de conhecimento. Salientam a importância das revoluções para o desenvolvimento da atual sociedade e fortalecimento das diferenças sociais, assim como o uso das tecnologias da informação e comunicação para garantir a disseminação da informação e facilitar o acesso à informação para a sociedade.

Dessa forma, se apresenta duas sociedades que dualizam: a sociedade existente (sociedade da informação) e a sociedade desejada (sociedade do conhecimento) no qual a informação é caracterizada como alavanca para o crescimento do capitalismo, mas também progressivo aumento de desigualdades. Ao mesmo tempo, o acesso à informação permite uma maior consciência social possibilitado pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação.

A importância na busca pelo desenvolvimento da sociedade do conhecimento parece ser o melhor caminho a ser percorrido para todos ao invés de ser somente para a elite, como ocorre atualmente. O que se percebe é que não se oferece acesso nem mesmo à informação de qualidade para todos, quiçá ao conhecimento. Os governos precisam se engajar no processo de inclusão, não somente na implementação da tecnologia, mas sim por meio do desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento social e econômico da nação de acordo com Rover e Dziekaniak (2012).

Então se questiona: Frente a esse contexto, demandas e obstáculos qual a importância da Biblioteconomia para a sociedade atualmente? Qual a contribuição da Biblioteconomia para o desenvolvimento social e econômico da nação? Como a biblioteca pode ser um agente de transformação social e ajudar na inclusão de todos?

A partir desses questionamentos, Souza (1990) menciona pontos importantes sobre a necessidade das bibliotecas se reinventarem para ser esse agente de transformação social. É



preciso buscar apoio em função de mudanças políticas das instituições, a necessidade do bibliotecário em provocar o surgimento de parceiros capazes de assimilar suas ideias e levar o projeto ao alcance de seus objetivos, da necessidade de se criar grupos de pesquisa para analisar tendências, desejos, necessidades na biblioteca, da importância da capacidade de liderança para criar, propor, participar, se tornar visível para a comunidade, do processo de planejamento para que a biblioteca seja vista como uma organização com capacidade administrativa e da capacidade de pesquisa e reflexão crítica baseada no princípio de neutralidade.

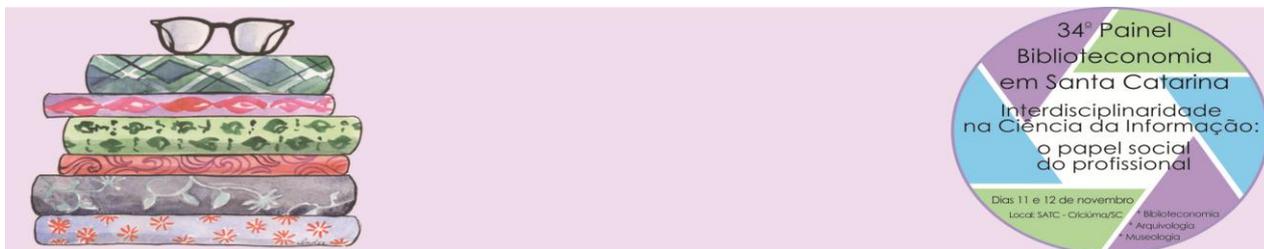
Fala-se que a função social das bibliotecas é democratizar a informação de forma neutra e igualitária, o que pressupõe que a biblioteca ofereça amplas formas de acesso à informação. O que tem sido feito nesse sentido, questiona Almeida Júnior (1997). O mesmo autor afirma que a biblioteca precisa atingir a população carente de informações para deixar de ser vista como o templo dos eleitos. A Biblioteconomia tem sua responsabilidade social por isso os bibliotecários precisam se interessar mais pelo povo, pelos carentes de informação, não de forma assistencialista, mas sim como um dever, uma obrigação social da profissão. Nessa mesma linha, Moraes e Lucas (2012, p.114) explicam que:

A responsabilidade social é uma postura que deveria perpassar as atividades de quaisquer profissionais, entre elas, a do bibliotecário. A discussão acerca da responsabilidade social do bibliotecário não é recente, ela surge em concomitância com as discussões acerca da responsabilidade social empresarial, ou seja, na década de 1950 [...]. Se a discussão não é recente, a prática da responsabilidade social do bibliotecário o é menos ainda, haja vista que, historicamente, a responsabilidade do profissional da informação, em específico, do bibliotecário, estava voltada aos cuidados do acervo. Essa visão permaneceu na prática dos bibliotecários e no imaginário popular durante muito tempo, todavia, o que se percebe é que a prática desse profissional vem mudando e tomando novas configurações na contemporaneidade, no sentido de promover a mediação e o acesso às informações.

Nesse contexto, a responsabilidade social na Biblioteconomia deixa de ser centrada na organização do acervo para dar subsídios, cada vez mais, dos processos de mediação da informação, objeto de preocupações da Biblioteconomia, conforme Cysne (1993) e Almeida Júnior (2009). Paralelo a isso, Vergueiro (1988) defende que o papel da Biblioteconomia é aumentar o uso e a satisfação das necessidades de informação de determinada camada social, utilizando as mais sofisticadas técnicas e os meios mais avançados de armazenagem, tratamento e recuperação de informações.

A Biblioteconomia brasileira, enquanto disciplina, pertence à subárea Ciência da Informação, que por sua vez pertence à grande área Ciências Sociais Aplicadas. Souza (1986) justifica a categorização da Biblioteconomia enquanto ciência social através da utilização de seus códigos de classificação, criados a partir de uma visão sociológica da estruturação do conhecimento e das ciências. Além disso, é comum encontrar textos onde o papel social do bibliotecário é debatido para além de suas atividades enquanto organizador e disseminador da informação. A partir dessa atuação profissional, verifica-se a existência de um viés educativo bastante forte em seu papel social, especialmente através do trabalho realizado em Bibliotecas Públicas e Escolares.

As diretrizes curriculares nacionais da Biblioteconomia pautadas pela Resolução CNE/CES 492, de 3 de abril de 2001 (BRASIL, 2001) afirmam entre as competências a serem desenvolvidas: Responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações



tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo. Mas como responder as demandas sociais de informação?

É interesse do governo investir no acesso à informação e qualidade da educação para a população? De que forma a Biblioteconomia pode usar os recursos das tecnologias da informação e da comunicação para ajudar a reduzir esse fosso existente entre as informações e a sociedade para que usem esse insumo para exercício de sua cidadania, adquiram maior consciência política e crítica e reivindiquem seus direitos para buscar uma sociedade mais justa?

Desta forma, o presente artigo parte desses questionamentos sem ter a pretensão de respondê-los, porém, na intenção de levantar reflexões a partir dessas perguntas quanto a necessidade de uma Biblioteconomia voltada à sociedade em seus diferentes aspectos. Este trabalho objetiva apresentar considerações em relação às interfaces e perspectivas da Biblioteconomia Social enquanto objeto de pesquisa e de atuação na atual sociedade. O artigo discorre sobre as interfaces da Biblioteconomia Social, a responsabilidade e o papel do bibliotecário dentro do seu fazer profissional e discute o conceito de social dentro da cultura digital em que se torna necessário romper paradigmas para aproximar mais a profissão das reais demandas sociais.

Existe a necessidade de promover o acesso e mediação da informação tanto no ambiente digital quanto nos ambientes analógicos tradicionais, para que todas as pessoas sejam capazes de refletir e desenvolver um senso crítico para exercer seus direitos, sua cidadania e viver em uma sociedade mais justa e igualitária em uma nova sociedade que se configura cada vez mais colaborativa e conectada.

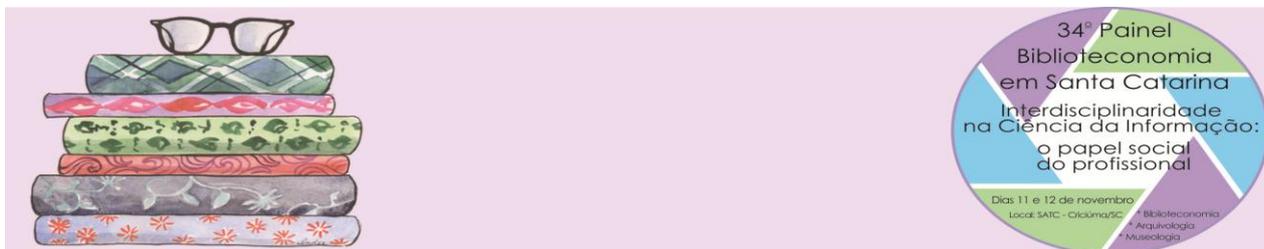
2 INTERFACES DA BIBLIOTECONOMIA SOCIAL

Há muito já se discute o papel social do Bibliotecário dentro do seu fazer profissional, contudo, é preciso entender o que de fato vem a ser Biblioteconomia Social, nomenclatura pouco utilizada no Brasil.

Em relação a essa nomenclatura, Parada (2006, tradução nossa) aborda a transformação de caráter social da Biblioteconomia e vai além, para ele o presente e o futuro da área dependem de uma identidade política e participativa dos profissionais da informação, principalmente no que se refere à demanda de interesses sociais que cercam os usuários das bibliotecas dentro das comunidades onde estão inseridas.

No entanto, é preciso saber se os profissionais da informação estão preparados para essa atuação de Biblioteconomia Social enquanto ação, preocupação já discorrida e enfatizada por Silveira (2007), quando ele ressalta a ausência de militância social dentro da Biblioteconomia e coloca como principal fator desse problema a formação dos futuros profissionais da informação. Na concepção do autor, ainda são capacitados para exercer tecnicamente o processamento e gestão dos acervos preservados nas bibliotecas, em detrimento do exercício de capacitá-los a compreender criticamente a importância que seu ofício assume no processo de construção das muitas esferas de atuação humana.

Biblioteconomia Social pode ser inserida dentro das afirmações de Quintero (2009, tradução nossa), quando a autora menciona que o conhecimento é construído quando um sujeito cerca-se de partes da realidade convertidas em objetos do conhecimento para estudo, o que implica em trazer algo novo que pode vir a ser conhecido, lembrando sempre que o conhecimento é uma energia psíquica profunda que direciona o comportamento em direção a



uma meta e buscá-la é preciso sem importar-se com o destino final, mas compreender porque se caminha em busca desta construção.

Kenyon, Diretor da Biblioteca Nacional do Reino Unido na década de 40, já citava naquela época que o havia um grande “defeito nos bibliotecários”, que ele chamava de “Idolatria pela Classificação” (IdolaClassis). Embora se considerando um amigo declarado dos processos técnicos de classificação e catalogação, o autor não hesitava ao afirmar que ambos os processos juntos não podem substituir a essência humanística e social do bibliotecário, visando unicamente à acessibilidade da informação ao leitor, ainda que a mesma não consiga seguir os parâmetros técnicos da Biblioteconomia (KENYON, 1941, p. 20).

Define-se Biblioteconomia Social como sendo uma filosofia e ação dentro da Ciência da Informação que reivindica uma Biblioteconomia crítica e comprometida socialmente, tanto na teoria como na prática (CIVALLERO, 2013, tradução nossa). É preciso unir à prática social a prática bibliotecária por meio de uma educação comparada, o que segundo Júlio Jatuf, docente de Biblioteconomia na Argentina, coloca a Biblioteconomia Social como sendo:

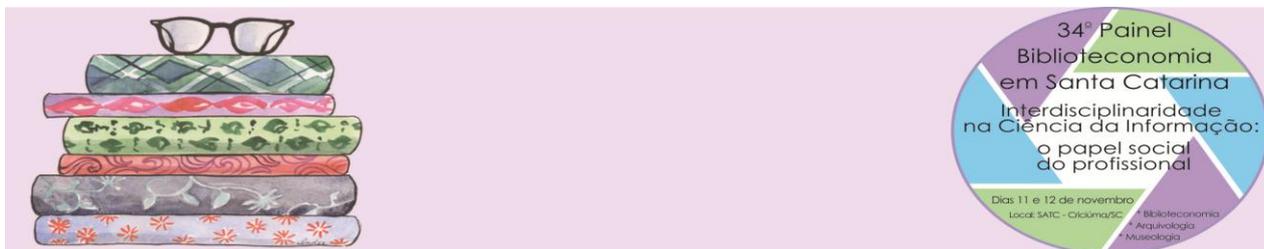
Tendência ou manifestação crítica, teórico-prática da técnica bibliotecária, visando proporcionar na prática uma alternativa para Biblioteconomia tradicional em termos de desenvolvimento e transformação social. A Biblioteconomia progressista social é aquela que questiona e faz críticas aos elementos tradicionais, também conhecidos por ciência da documentação e das bibliotecas, sujeitos ao modelo hegemônico, metodológico e epistemológico do capitalismo e do neoliberalismo de uma globalização neoliberal. Trata-se também da revisão crítica da metodologia e dos conhecimentos doutrinários da técnica bibliotecária tradicional à frente de uma epistemologia bibliotecária transdisciplinar (JATUF, 2013, p. 317, tradução nossa).

No México, por exemplo, a Biblioteconomia Social (Bibliotecología Social), é inclusive tema de pesquisa científica dentro das investigações entre bibliotecas e sociedades, fazendo parte do Programa de investigação em Biblioteconomia Social⁴ (UNAM, 2005) promovida e financiada pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional e Autônoma do México (UNAM).

Dentro deste programa de investigação mexicana, é que surge o conceito encontrado nesta pesquisa para Biblioteconomia Social. Tello (2005) dedica-se aos estudos sociais e políticos dentro da Biblioteconomia. Quando questionado sobre sua percepção, em relação ao papel do bibliotecário, Tello (2005) explica:

Já está na hora do bibliotecário deixar de diferenciar essas necessidades com fatores sociais e políticos abstratos e desconexos, ou seja, é fundamental que este sujeito sensibilize-se sobre este assunto em torno dessas necessidades das diferentes dimensões que uma comunidade de usuários tem da realidade do mundo em que vivem. Para isso, é necessário que a profissão de bibliotecário tome uma nova direção e seja capaz de compreender a problemática envolvida na análise e estudo de duas unidades básicas: 1] Bibliotecas e Sociedade, 2] Bibliotecas e Estado. Isto significa, naturalmente, que as escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação integrem em seus planos de estudo novos cursos, que vão ajudar as futuras gerações de profissionais bibliotecários na América Latina a ter educação social e política. A formação estruturada em Biblioteconomia social e Biblioteconomia política parecem essenciais e urgentes. De tal maneira que no futuro teremos “bibliotecários sociais e

⁴ Educacion sobre Bibliotecología Social y Política en América Latina. Endereço eletrônico: <http://comisioneducacion.blogia.com/>



políticos” capazes de discernir, discutir e defender valores como a paz, a solidariedade, a justiça, a liberdade, a igualdade, o bem público e outros não menos importantes que possuem uma grande relação com a tarefa do profissional bibliotecário (TELLO, 2005, tradução nossa)

A partir desta perspectiva, a Biblioteconomia Social significa preceito na interação entre bibliotecas e sociedade, tornando-se assim uma unidade de nível cognitivo em que se reconhece que só podem existir bibliotecas onde há sociedade. Então, tudo que se relaciona direta ou indiretamente a instituições de biblioteca no contexto da sociedade pode ser considerado como assunto geral ou específico. É por isso que a sociedade como um objeto de pesquisa sociológica, é o tema de estudo de muitas disciplinas sociais e humanistas, e a Biblioteconomia como ciência social, não é uma exceção a este respeito.

O bibliotecário precisa exercer seu papel hodiernamente, facilitando assim o acesso aos livros e a informação, mediando-a para que todos possam exercer seu direito à cidadania. (COLARES; LINDEMANN, 2015)

Biblioteconomia social pode ser a ponte para a travessia ou ligação entre a técnica tradicional da Biblioteconomia e o social contemporâneo. É preciso olhar o entorno da sociedade, locais em que os livros sequer são disponibilizados, onde muitos não possuem acesso à informação como comunidades quilombolas, indígenas, assentamentos de movimentos de sem-terra, presídios, entre vários outros. Torna-se essencial levar o fazer bibliotecário para as mais diversas comunidades em que em plena explosão tecnológica, as bibliotecas sequer existem.

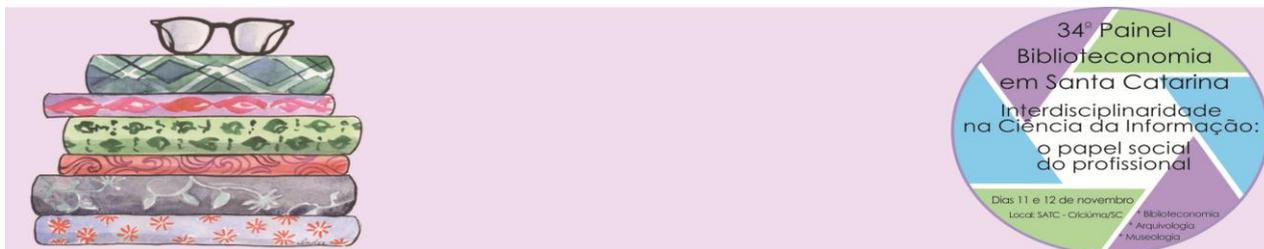
Silva (2010) já destacava essa questão, quando alertou que em termos de resultados, a concepção das bibliotecas tem se configurado em um espaço distante da maioria que realmente precisa de informações e assistência. Ainda no entendimento do autor, “[...]é preciso discutir a importância da Biblioteconomia como área do conhecimento da luta de classes” (SANTOS, 2010, p.211).

O grande desafio da Biblioteconomia Social está na capacidade administrativa do bibliotecário em desempenhar um papel de agente de transformação social. Para tal, é fundamental que seu norteador seja um bom entendimento de que a biblioteca é um complexo centro de operações que inclui uma linha de produção (os processos técnicos), e também, em tempo integral, atividades de relações públicas (SOUZA, 1993).

A Biblioteconomia precisa atuar como mediadora da informação, mas situada entre dois polos: o da produção e necessidade de processamento da informação para que chegue ao público alvo (o que implica a boa técnica) e o público alvo, propriamente dito, que tem demandas, necessidades e estatuto de cidadania, o que implica no acesso a informação diferenciada, livre. (CYSNE, 1993).

Segundo Bowen (1953, apud ASHLEY, 2003) é preciso rever o papel do bibliotecário contemporâneo. Um dos aspectos contemplados pelo conceito do papel social do profissional da informação é o da Responsabilidade Social, o que significa “[...] um comprometimento que uma organização deve ter com a sociedade como um todo, ou com uma comunidade, especificamente, de modo a prestar contas com a sociedade” (p. 6).

É nesse contexto que Moraes e Lucas (2012) defendem que a prática do bibliotecário é pautada na preocupação com as necessidades de informação dos indivíduos. As autoras discorrem que “a população ainda é carente do acesso a bens e serviços essenciais e a



mediação da informação seria um dos mecanismos para solucionar tal problemática” (2012, p.114).

Sendo assim, a Biblioteconomia não deve ser apenas centrada apenas na organização do acervo, e sim cada vez mais se preocupar com os processos de mediação da informação. Ou seja, deve tornar-se uma Biblioteconomia com vistas ao social, já que a mediação da informação está atrelada com a técnica, mas esta também deve acompanhar o cunho social conforme Cunha (2003). Nesse contexto, é preciso repensar a formação dos futuros bibliotecários em que o social deve estar presente nas matrizes educacionais das escolas de Biblioteconomia:

Os currículos de Biblioteconomia não acompanham a evolução da Educação e da Sociologia neste novo contexto político, social, econômico e educacional que se configurou no país. A formação do bibliotecário no Brasil se encontra num momento em que busca mudar essa concepção e as escolas se mostram favoráveis a uma interdisciplinaridade reconhecidamente necessária para a formação e futura atuação do bibliotecário. Essa necessidade surge a partir das próprias mudanças sociais ocorridas no cotidiano comum e no mundo do trabalho, que busca profissionais com uma natureza mais interdisciplinar. (CORREA; SPUDEIT, 2013, p. 388).

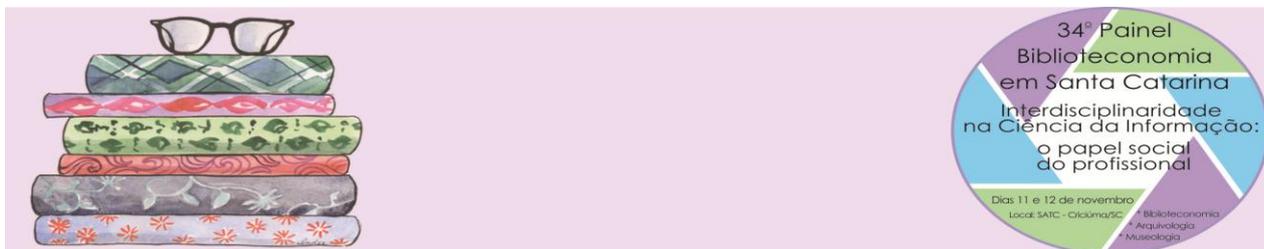
Compreende-se assim que, na atualidade, a interdisciplinaridade do bibliotecário pode e faz toda a diferença enquanto agente de transformação social por meio da informação. Percebe-se que existe uma cultura de bibliotecas brasileiras concebidas para a elite localizadas apenas em grandes centros urbanos ou dentro das universidades, pouco ou nada atribuídas aos guetos excluídos pela sociedade.

Entretanto, não pode haver menosprezo ao tecnicismo bibliotecário, pois sua existência é essencial para dar funcionalidade à biblioteca como prestadora de serviços. Sem uma técnica consolidada, qualquer outro caminho galgado fica disperso, mas é preciso dar fundamentação social à biblioteca, para que ela possa atingir seu objetivo de entrelaçamento nas questões bibliotecárias em conjunto com a realidade social, colocando a biblioteca como espaço e objeto central de acesso à informação e cultura dentro da sociedade conforme defendem Souza (1986; 1990), Cysne (1993), Almeida Júnior (1997), Rover e Dziekaniak (2012).

Social, do latim *socius*, “companheiro”, originalmente “seguidor”, relacionado com o verbo *sequi*, “seguir, ir junto, acompanhar”. Ou seja, uma Biblioteconomia que precisa ser participativa junto à sociedade e aos cidadãos que dela fazem parte, proporcionando o acesso à informação aos que ainda não disponibilizam. O *boom* do “www”, por meio das plataformas digitais, serve de aporte para a aplicabilidade da outra face da Biblioteconomia Social, aproximando a sociedade para os problemas e dilemas de comunidades excluídas do direito legal de acesso à informação. Não se pode pensar em inclusão digital como algo a parte do acesso à informação como vem ocorrendo nas políticas públicas criadas no país. Surge aí outra vertente da Biblioteconomia Social: a digital.

3 O CONCEITO DE ‘SOCIAL’ NA CULTURA DIGITAL

A ideia de uma cultura digital, por seu caráter recente na sociedade conectada à internet, ainda não está plenamente consolidada e, portanto, não são muito frequentes as definições sólidas encontradas na literatura mais convencional.



O conceito de cultura digital se aproxima de outros mais conhecidos como cibercultura, sociedade da informação e era digital. Pierre Lèvy (1999, p.17) discute as questões voltadas ao ciberespaço e à cibercultura, que define como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento, de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Baratto e Crespo (2013, p.17) relacionam o termo ‘social’ com a definição de cibercultura e apresentam a seguinte reflexão:

[...] se a cultura é um reflexo da ação humana, a cultura se constitui de ação do homem, na sociedade; criando formas, objetos, dando vida e significação a tudo o que o cerca. É essa ação humana que permitiu o surgimento do computador e por conseguinte, o surgimento da cultura digital. E esta passa, em seguida, a fazer parte de vários aspectos da vida humana, na aprendizagem pedagógica, na vida afetiva, na vida profissional, na simbologia da comunicação humana. Desse modo, vimos surgir uma nova estruturação de pensamentos, práticas e conceitos. Cabe ressaltar aqui, que a cultura não se transforma em digital, mas sim, ela busca se adequar ao cenário digital, ao mundo virtual.

De maneira geral, a cultura digital refere-se ao estilo de vida conectado, marcado pelo advento das tecnologias de informação e comunicação e desenvolvimento da informação digital, mas também e principalmente, pelo intenso uso de dispositivos eletrônicos com acesso à rede internet. Castells (2008, não paginado) discorre sobre a produção do conhecimento na sociedade atual e ressalta que:

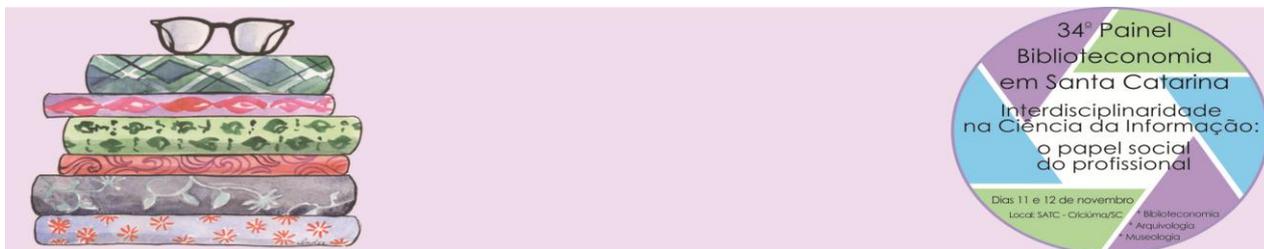
O processo de desenvolvimento do conhecimento em nossos tempos ou o processo de criatividade e sua derivada a inovação, fluem em nosso entorno através de seu modo de comunicação e de sua tecnologia, baseadas na microeletrônica digitalizada, transmitida e construída através das telecomunicações, redes informatizadas e bases de dados.

Para o autor, a cultura digital pode ser definida a partir de seis tópicos⁵:

1. Habilidade para comunicar ou mesclar qualquer produto baseado em uma linguagem comum digital;
2. Habilidade para comunicar desde o local até o global em tempo real e, vice-versa, para poder diluir o processo de interação;
3. Existência de múltiplas modalidades de comunicação;
4. Interconexão de todas as redes digitalizadas de bases de dados ou a realização do sonho do hipertexto de Nelson com o sistema de armazenamento e recuperação de dados, batizado como Xanadú, em 1965;
5. Capacidade de reconfigurar todas as configurações criando um novo sentido nas diferentes camadas dos processos de comunicação;
6. Constituição gradual da mente coletiva pelo trabalho em rede, mediante um conjunto de cérebros sem limite algum. Neste ponto, me refiro às conexões entre cérebros em rede e a mente coletiva.

Depreende-se, assim, que fatores como a comunicação digital global e o trabalho colaborativo em rede sejam as principais características da cultura digital que tem como seu principal veículo os dispositivos eletrônicos como *smartphones e tablets*.

⁵ Disponível em <http://culturadigital.br/conceito-de-cultura-digital/>



Graças à popularização e o barateamento de aparelhos celulares e da crescente oferta de internet em banda larga, verifica-se uma utilização cada vez mais ampla de aparelhos móveis conectados em rede, o que representa fator determinante na cultura digital, fazendo surgir novos comportamentos sociais de leitura, acesso, busca e geração de informações.

Dos usos que são feitos a partir desses dispositivos, a presença e participação nas chamadas mídias ou redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, são bastante representativos. E aqui o uso da palavra ‘social’ recebe especial atenção: o que significa ‘social’ no contexto da cultura digital?

Refletir sobre o uso da palavra na proposta da era digital passa necessariamente pelo discurso dos chamados ‘evangelistas digitais’ do conhecido ‘Vale do Silício’, na Califórnia, Estados Unidos da América, de onde se originou o uso do termo ‘social’ que, no caso em questão, significa conectado.

Keen (2012), apesar de mostrar-se cético quanto à pertinência do uso do termo, descreve a visão dos evangelizadores digitais a partir de sua própria experiência no Vale do Silício e de diálogos acalorados travados com criadores de diferentes mídias sociais como *Twitter* e *LinkedIn*, por exemplo. Dentre outras características, destaca-se que o sentido de social enquanto estar conectado representa estar “socialmente mais unidos como seres humanos” por meio do “compartilhamento de informações pessoais, nossa localização, nossas preferências e identidades em redes como *Twitter*...” (op. cit., p. 14 e 17). O resumo desses debates, leva Keen (op. cit., p.18) a concluir que:

Aprendi que toda nova plataforma *social*, todo serviço *social*, aplicativo *social*, página social, estavam se tornando um pedaço desse novo mundo da mídia *social* – de jornalismo *social* a empreendedorismo *social*, passando por comércio *social*, produção *social*, aprendizado *social*, caridade *social*, e-mail *social*, aposta *social*, televisão *social*, consumo *social* e consumidores *sociais* no ‘gráfico *social*’, um algoritmo que supostamente mapeia cada uma de nossas redes *sociais* únicas. Considerando que a internet estava se transformando no tecido conjuntivo da vida no século XXI, o futuro – nosso futuro, o seu, o meu e o de todos outros na rede onipresente – iria ser, sim, você adivinhou, *social* (grifos do autor).

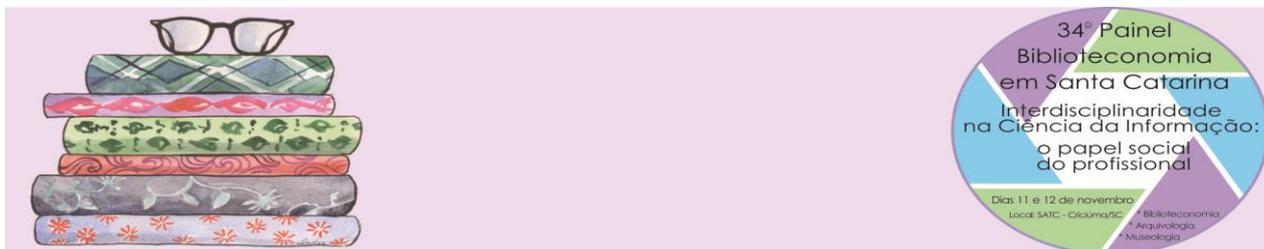
Independentemente da adesão pessoal ou não, o ‘social’ enquanto fator constituinte da cultura digital é um fato que não pode ser ignorado. Assim, o social torna-se um adjetivo que acompanha a participação da sociedade em rede, a partir de plataformas que possibilitam a conexão de ideias, lugares e pessoas na internet.

Para Shirky (2011), a conexão permite oferecer o que chama de “excedente cognitivo”: coisas que se conhece e se sabe fazer para oferecer de forma voluntária às pessoas que estão conectadas. Para o autor, isso é uma mudança de comportamento que tira as pessoas do status de consumidores e as leva ao de colaboradores e isso, é ser social: “o direcionamento do nosso excedente cognitivo permite que as pessoas se comportem de forma cada vez mais generosa, pública e *social*, em comparação com seu antigo status de consumidoras e bichos-preguiça⁶ (op. cit., p.61, grifo nosso)

Essa conectividade cria oportunidades de participação mais efetiva na sociedade que pode levar a uma melhor qualidade de vida na medida em que se pode compartilhar o que se sabe para a construção do conhecimento coletivo como afirma Lèvy (1999), agir com

⁶Shirky (2011) faz uma crítica ao consumo intenso e passivo de informações via televisão da era pré digital.

Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, SC: v. 21, n. 22, p. 707-723, ago./nov., 2016.



generosidade como aponta Shirky (2011) e Giardelli (2012), ser politicamente articulados como discute Castells (2013) e estar globalmente envolvido sem, contudo, desprezar sua cultura local como compreende Martel (2015).

Para Kanter e Fine (2011) a mídia social (plataformas, meios) capacita as redes sociais (pessoas e organizações) para a mudança social que, para os autores, “significa qualquer esforço feito por pessoas ou organizações que queiram fazer deste mundo um lugar melhor” (op. cit., p.13)

A base dessa nova constituição da sociedade é a informação social. Por informação social entende-se o fruto do processo de democratização da sociedade em rede, que descentralizou o poder informativo e permitiu que cada cidadão seja um ator na criação e disseminação de conteúdos digitais:

A web tirou o poder exclusivo de disseminação de notícias das mãos dos veículos de comunicação e o transferiu para todas as pessoas. Basta estar conectado para ter contato com um mundo de informação, na ponta dos dedos. Celebidades e líderes nacionais atualizam suas redes sociais, interagindo diretamente com o público. A informação está cada dia mais participativa, interativa e social (SOCIAL MEDIA, 2011).

Nesse contexto de informação social ao alcance de um número cada vez mais crescente de pessoas ao redor do mundo, surge a proposta de pensar também a Biblioteconomia Social no que diz respeito à vertente digital e tecnológica dos fluxos informacionais dos tempos contemporâneos.

Assim sendo, apresenta-se a seguir duas razões (dentre tantas outras possíveis) do porque se precisa de uma Biblioteconomia Social e da atuação e intervenção do bibliotecário no ambiente digital.

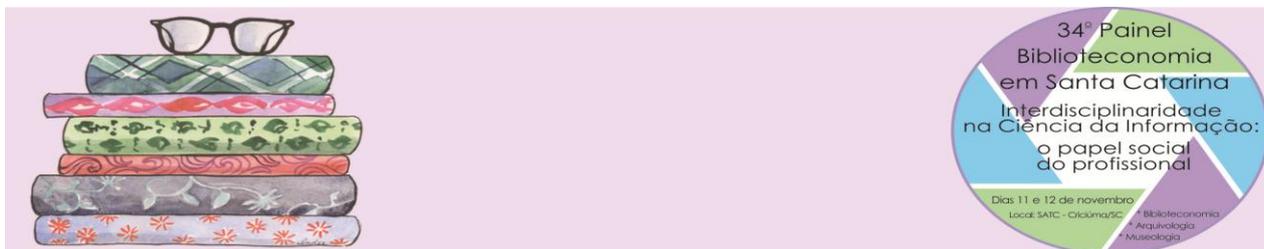
1. Porque é possível uma organização social da informação e do conhecimento

A criação de conteúdo na internet assume características sociais na medida em que sua geração e distribuição tornaram-se colaborativas. Nessa perspectiva, não apenas a informação, mas também o conhecimento tornou-se mais sociais. E o que dizer sobre sua organização?

Para Weinberger (2007, p.133) “o conhecimento – seu conteúdo e sua organização – está se tornando um ato social”. O autor tece uma crítica à limitação dos códigos de classificação usados pelos bibliotecários, enfatizando que “o sistema de Dewey preza a estabilidade advinda do mundo físico – livros em prateleiras, tinta branca nas lombadas” (op.cit., p.62). Para ele, o sistema decimal é insuficiente não apenas por não adequar-se ao mundo digital, mas também porque “o mundo é diversificado demais para qualquer sistema único de classificação funcionar para todos, em todas as culturas, o tempo todo” (op.cit., p.57).

Para Weinberger, a web semântica também não se traduz como a resposta para a questão da organização do conhecimento digital: “[...] uma web semântica mundial é tão ambiciosa que cai nos mesmos problemas que incomodavam Dewey e grandes taxonomias” (op.cit., p.198).

A proposta do autor, então, está em admitir que a ambiguidade do caos digital se auto organiza a partir da participação e colaboração, assim como se origina. Pela folksonomia e tagging colaborativos:



A classificação é uma briga de poder – é política – porque as duas primeiras ordens da ordem requerem a existência de um vencedor. A terceira ordem pega o território subjugado por classificação e o libera. Em vez de impor-lhe categorias, a terceira ordem fixa etiquetas que permitem a um usuário de recursos online – páginas da web, fotos – acrescentar uma palavra ou duas, de modo que possa localizá-la mais tarde (op. cit., p.92).

Contudo, Weinberger resgata a classificação por dois pontos de Ranganathan como útil no contexto dos computadores, pois “permitem às pessoas navegar por árvores de categorias construídas num piscar de olhos” (2007, p.199).

Diante desse quadro, parece necessária uma Biblioteconomia Social que se mostre capaz de unir seu conhecimento e técnica tradicionais às tendências sociais de colaboração e participação a fim de adaptar seu fazer profissional aos tempos digitais. Para isso, precisa flexibilizar seus códigos e regras e trabalhar de mãos dadas com seus interagentes, permitindo-lhes efetivamente contribuir com as ‘etiquetas’ (tags) que lhes fazem mais sentido na recuperação da informação. Uma organização social da informação e do conhecimento é realizada em conjunto, com o bibliotecário social e muitas outras mãos. A isso Weinberger chama de “construção pública do significado” (p.227)

2. Porque a leitura também é social

Nos tempos pré-digitais, o ato de ler era essencialmente individual e solitário. Agora, contudo, existe a possibilidade do compartilhamento da leitura, seja através das mídias sociais em geral ou de aplicativos de leitura eletrônica que permitem o compartilhamento de comentários.

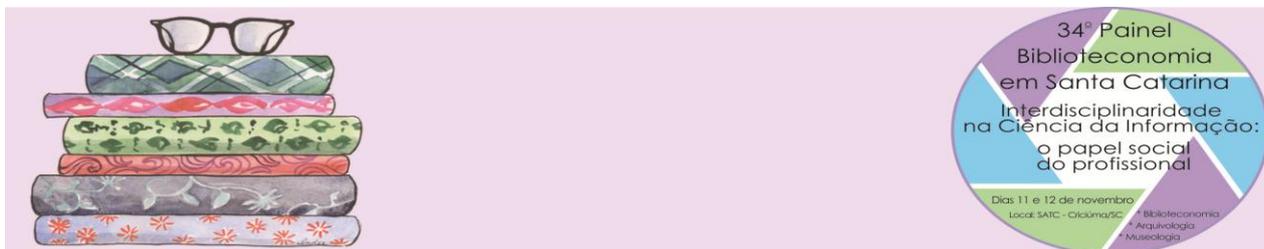
Para Bob Stein, em entrevista para o blog Publishnews a leitura social é “uma nova experiência que liga as pessoas a partir de suas preferências literárias” (RODRIGUES, 2011). A leitura é social porque o livro também o é, no caso, o livro eletrônico. Stein, fundador do ‘Instituto para o Futuro do Livro’ afirma que:

Quando a leitura se desloca da página para uma rede dinâmica, o aspecto social de leitura move-se para o primeiro plano. Não é que esse aspecto da leitura não estivesse lá antes. É que é obscurecido quando os conteúdos são reificados em um objeto “congelado” e “isolado” – isto é, um livro impresso. Quando os textos são apresentados em navegadores que permitem a conversa nas margens, as pessoas naturalmente começam a falar umas com as outras sobre as ideias que encontram na página. O livro torna-se um lugar onde os leitores (e, às vezes, os autores) se reúnem (STEIN apud RODRIGUES, 2011).

A partir da criação de um perfil na página do SocialBook⁷, que se trata de uma plataforma de leitura social, o leitor pode adicionar seus comentários aos textos, compartilhar ideias com outras pessoas, seguir comentários de outros leitores e interagir com eles e com autores a partir da comunidade do SocialBook ou criando seu próprio grupo de discussão.

A leitura social, segundo Stein, não se baseia apenas na criação do livro eletrônico, mas deve pensar também em todo o ecossistema que envolve o ato de ler socialmente. Para

⁷ Disponível em <http://theopenutopia.org/social-book/>



ele “ficará a cargo das próprias editoras o gerenciamento dos conteúdos e das comunidades de leitores e autores em torno de seus livros.”

Além da leitura social, o ato de contar histórias também se tornou socialmente conectado a partir da chamada “convergência digital”. A contação de histórias, no contexto da cultura digital, recebe o nome de “narrativa transmídia” conceito criado por Jenkins (2003), “[...] que une as diferentes mídias disponíveis a fim de contar uma grande história através de um novo modelo de co-criação que utiliza o potencial único de cada uma das diferentes mídias” (CORRÊA, 2014, p. 40).

Assim, para contar uma história, pode-se utilizar diferentes mídias (filmes e livros) espaços (sala de aula, bibliotecas), diferentes estratégias (games, por exemplo) e plataformas físicas e digitais nas quais o enredo se desenvolve. Essa técnica apresenta grandes possibilidades para atrair novos leitores e instigar crianças, jovens e adultos ao desejo que saber mais e conhecer novas histórias.

O campo da leitura social, portanto, também abre espaços nos quais o saber do bibliotecário pode ser valioso e, a partir de sua atuação baseada em seus saberes tradicionais agregados a novos saberes inerentes à cultura digital, contribuem para a construção de uma sociedade melhor informada e, portanto, mais empoderada. Além de empoderamento, a Biblioteconomia Social oportuniza um direito legal, previsto na constituição, de todo o cidadão: o acesso à informação.

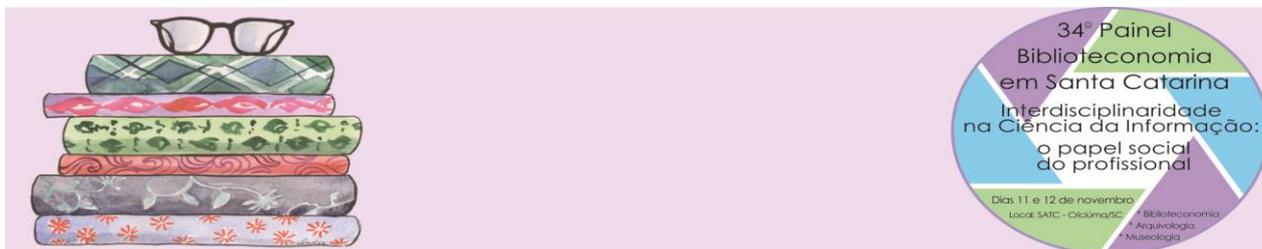
4 PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA A BIBLIOTECONOMIA SOCIAL: CONCLUSÕES PRELIMINARES

Frente a esse contexto, demandas e obstáculos qual a importância da Biblioteconomia para a sociedade? Qual a contribuição da Biblioteconomia para o desenvolvimento social e econômico da nação? Como a biblioteca pode ser um agente de transformação social e ajudar na inclusão de todos? Como responder as demandas sociais de informação em uma nova cultura digital? É interesse do governo investir no acesso à informação e qualidade da educação para a população? De que forma a Biblioteconomia pode usar os recursos das tecnologias da informação e da comunicação para ajudar a reduzir esse fosso existente entre as informações e a sociedade para que usem esse insumo para exercício de sua cidadania, adquiram maior consciência política e crítica e reivindiquem seus direitos para buscar uma sociedade mais justa?

Sabemos que o sustentáculo da Biblioteconomia é a informação e que uma das missões do Bibliotecário é justamente disseminar esta informação. Eis a missão social em que é preciso ir além dos muros das bibliotecas, disponibilizando de algum modo à informação a toda sociedade, sem isenção, principalmente às comunidades – periferias, prisões, zonas rurais, etc., em que a biblioteca sequer faz parte do cenário social.

O Social—neste contexto entra por meio de uma Biblioteconomia progressista, participativa politicamente, com consciência cidadã, que luta pela presença de bibliotecas e faz jus ao próprio juramento em que “*Prometemos tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão de Bibliotecário*”.

É preciso fazer valer o lado humanitário do exercício bibliotecário, oferecendo subsídios para que a liberdade da informação possa estar ao alcance de todos em uma sociedade cada vez mais digital. Nesse contexto de informação social ao alcance de um número cada vez mais crescente de pessoas ao redor do mundo, surge a proposta de pensar



também a Biblioteconomia Social no que diz respeito à vertente digital e tecnológica dos fluxos informacionais dos tempos contemporâneos.

Parece necessária uma Biblioteconomia Social que se mostre capaz de unir seu conhecimento e técnica tradicionais às tendências sociais de colaboração e participação a fim de adaptar seu fazer profissional aos tempos digitais. Para isso, precisa flexibilizar seus códigos e regras e trabalhar de mãos dadas com seus interagentes, permitindo-lhes efetivamente contribuir com as “etiquetas” (tags) que lhes fazem mais sentido na recuperação da informação. Uma organização social da informação e do conhecimento é realizada em conjunto, com o bibliotecário social e muitas outras mãos.

A base dessa nova constituição da sociedade é a informação social. Por informação social entende-se o fruto do processo de democratização da sociedade em rede, que descentralizou o poder informativo e permitiu que cada cidadão seja um ator na criação e disseminação de conteúdos digitais

A teoria do social já é pauta há anos na área, mas a praticidade dos discursos ainda está longe de ser o ideal, contudo, existem avanços de profissionais engajados na Biblioteconomia Social, ainda que não compreendam essa nomenclatura, mas que se dedicam na interconexão de uma Biblioteconomia do povo e para o povo.

Abrem-se novos espaços nos quais o saber do bibliotecário pode ser valioso e, a partir de sua atuação baseada em seus saberes tradicionais agregados a novos saberes inerentes à cultura digital, contribuem para a construção de uma sociedade melhor informada e, portanto, mais empoderada. Além de empoderamento, a Biblioteconomia Social oportuniza um direito legal, previsto na constituição, de todo o cidadão: o acesso à informação.

A tecnologia vem para apoiar essa nova sociedade que se configura mais colaborativa e conectada atuando como verdadeira ponte dentro a inclusão informacional onde o meio digital não é o avesso, mas a outra face da Biblioteconomia Social. Essa conectividade cria oportunidades de participação mais efetiva na sociedade que pode levar a uma melhor qualidade de vida na medida em que se pode compartilhar o que se sabe para a construção do conhecimento coletivo.

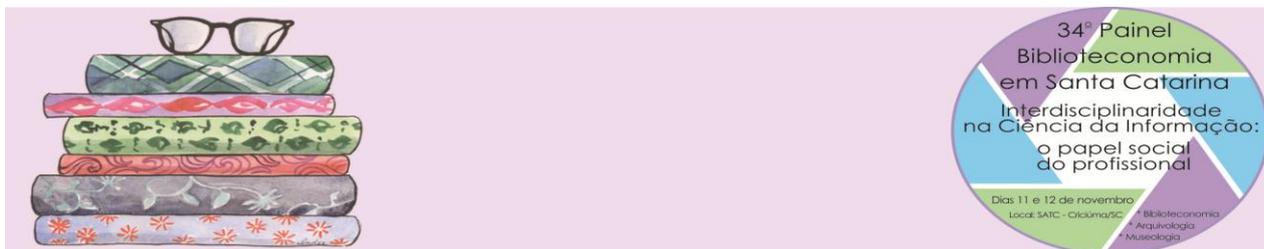
A criação de conteúdo na internet assume características sociais na medida em que sua geração e distribuição tornaram-se colaborativas. Nessa perspectiva, não apenas a informação, mas também o conhecimento tornou-se mais social.

É necessário também compreender que com o avanço veloz e inovador da tecnologia, os interagentes estão cada vez mais habilidosos para lidar com conteúdo informacionais, o que obriga os bibliotecários a repensarem sobre seu comportamento técnico ao lidar com a informação em seus espaços de trabalho, mas também fora deles.

Independentemente da adesão pessoal ou não, o “social” enquanto fator constituinte da cultura digital é um fato que não pode ser ignorado. Assim, o social torna-se um adjetivo que acompanha a participação da sociedade em rede, a partir de plataformas que possibilitam a conexão de ideias, lugares e pessoas na internet.

Além disso, o bibliotecário precisa cercar-se de todos os mecanismos para que de fato possa ser e estar atuante dentro da Biblioteconomia, pois o viés tecnológico da profissão não pode e nem deve ser ignorado: seja em conteúdos e disciplinas em sua formação acadêmica, seja em sua atuação profissional.

A Biblioteconomia Social não é um jeito novo de fazer Biblioteconomia e sim uma maneira de se aplicar a técnica bibliotecária em função do social, seja ele digital ou não. Uma Biblioteconomia consciente do seu papel político, social e ativo, que disponibiliza a todos o

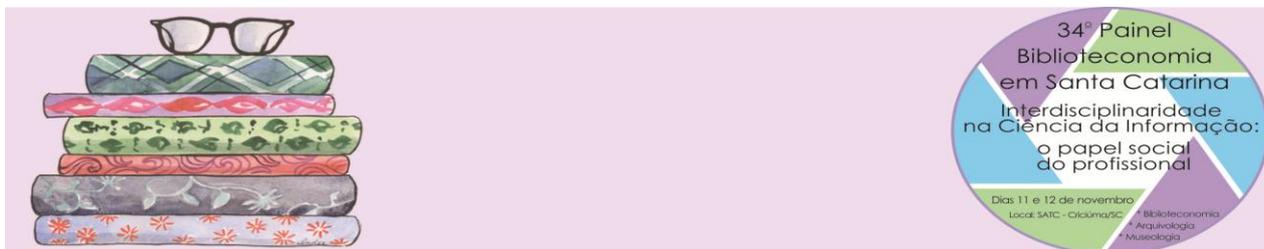


maior tesouro social da humanidade: a informação. O novo ou o moderno instaura-se a partir da mudança de atitudes e de compreensão que subverte a realidade socialmente ou tecnicamente cristalizada. O seu sentido de atual é o sentido socialmente ou tecnicamente frutuoso e mais equilibrado, quando posto em comparação com a situação anterior. A modernidade ou o progresso, nessa visão, só faz sentido de qualitativo e holístico ou totalizante.

Em ambos os lados dessa ‘moeda’ que representa a Biblioteconomia Social, faz-se necessário um repensar teórico e prático capaz de quebrar paradigmas que não correspondem às demandas da sociedade contemporânea e que leve a profissão a reestruturar-se a fim de tornar-se socialmente relevante no cotidiano *on e off line*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesq. Bras. Ci. Inf.**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pbcib/article/view/11990>>. Acesso em: 15 jul. 2016.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Polis, 1997.
- ASHLEY, P. A. (Coord.). **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- BARATTO, S.S.; CRESPO, L.F. Cultura digital ou cibercultura: definições e elementos constituintes da cultura digital, a relação com aspectos históricos e educacionais. **Rev. Científica Eletrônica UNISEB**, Ribeirão Preto, v.1, n.2, p. 16-25, ago./dez.2013. Disponível em: <<http://uniseb.com.br/presencial/revistacientifica/arquivos/jul-2.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares para os cursos de graduação**. 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2016.
- BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013
- _____. Creatividad, innovación y cultura digital. **Um mapa de sus interacciones**. Madrid, DossierTelos, oct./dec. 2008. Disponível em: <<https://telos.fundaciontelefonica.com/telos/articulocuaderno.asp?idarticulo=2&rev=77.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2016.
- CIVALLERO, Edgardo. ¿Qué es labibliotecologíaaprogresista?: Una aproximación básica. **El Profesional de La Informacion**, Buenos Aires, v. 22, n. 2, p.155-162, 10 mar. 2013. Disponível em <<http://eprints.rclis.org/>>. Acesso em: 31 mar. 2016



COLARES, Leni; LINDEMANN, Catia. Implantação da biblioteca no cárcere: Desafios e possibilidades. **Informação & Sociedade: Estudos**, Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, v. 25, n. 03, p.205-215, dez. 2015. Disponível em <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/16243>>. Acesso em: 30 maio 2016

CORRÊA, E.C.D. A narrativa transmídia como estratégia de incentivo à leitura. In: ASSIS, E.C.P.de; MOURA, C.A.C.; SANDOVAL, I.M.B. **Humanidades digitais: leitura e tecnologia**. Tubarão: Copiart; Florianópolis: NuPILL. 2014. p.36-53. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/viewFile/1807-9288.2014v10n2p98/28395>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

CORREA, Elisa C. D. ; SPUDEIT, Daniela. A interdisciplinaridade entre Biblioteconomia, Educação e Sociologia nos cursos de graduação da Região Sul do Brasil. **Em Questão**: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p.366-395, dez. 2013. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/39461>>. Acesso em 10 maio 2016.

CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do bibliotecário. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, n. 15, 1º sem. 2003. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2003v8n15p41/5234>>. Acesso em 15 jul. 2016.

CYSNE, F. P. **Biblioteconomia: dimensão social e educativa**. Fortaleza: EUFC, 1993.

DZIEKANIAK, Gisele; ROVER, Aires. Sociedade do Conhecimento: características, demandas e requisitos. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 7, n. 1, 2013. Disponível em <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/artigo-sociedade-do-conhecimento-caracter%C3%ADsticas-demandas-e-requisitos>>. Acesso em 10 jul. 2016.

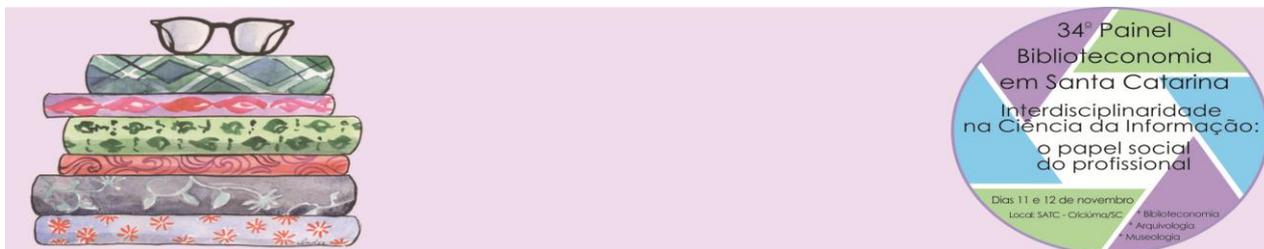
GIARDELLI, G. **Você é o que você compartilha**. São Paulo: Gente, 2012.

KANTER, B.; FINE, A.H. **Mídias sociais transformadoras: ação e mudança no terceiro setor**. São Paulo: Évora, 2011.

KEEN, A. **Vertigem digital**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KENYON, Frederic George. TestamentumBibliotecarii. **Bulletin Of The John Rylands Librarianship Manchester**, Londres, v. 25, n. 7, p.67-82, 01 dez. 1941. Disponível em <<http://catalogue.nla.gov.au/Record/6329905>>. Acesso em 10 jul. 2015.

JATUF, Julio Díaz. Una propuesta de enseñanza fundamental para los primeros años de formación universitaria: El caso de la Bibliotecología Social. In: INGRESO UNIVERSITÁRIO, 5., 2013, Buenos Aires. **Anales...** Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires - Facultad de Filosofía y Letras Departamento de Bibliotecología y Ciencia de La



Información, 2013. p. 1 - 8. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/19835/1/Lujan_JDJ_4.1_BS.pdf> . Acesso em: 06 jul. 2016.

LÈVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 1999.

MARTEL, F. **Smart: o que você não sabe sobre a internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MORAES, Marielle Barros de; LUCAS, Elaine de Oliveira. A responsabilidade social na formação do bibliotecário brasileiro. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 109 - 124, jan./jun. 2012. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/24107/19763>>. Acesso em 18 jul. 2016.

PARADA, Alejandro E. Bibliotecología y Responsabilidad Social. **Información Cultural y Sociedad**, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p.65-75, 07 dezembro 1999. Disponível em <<http://www.scielo.org.ar/pdf/ics/n1/n1a05.pdf>>. Acesso em 08 jul. 2016.

QUINTERO CASTRO, Nathalia. Aproximación a la epistemología de la bibliotecología como estudio regional Del conocimiento. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Jul.- Dic. 2007, vol. 30, no. 2, p. 71-87. Disponível em <<http://www.scielo.org.co/pdf/rib/v30n2/v30n2a04.pdf>> . Acesso em 01 abr. 2016

RODRIGUES, M.F. Por uma leitura compartilhada. **Publishnews**. Blog. 26 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/materias/2011/07/26/64372-por-uma-leitura-compartilhada>>. Acesso em 01 abr. 2016

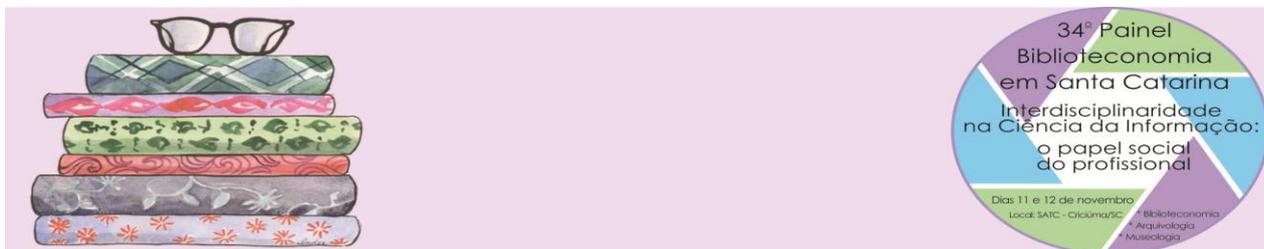
SHIRKY, C. **A cultura da participação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, Rodrigo Carvalho. Biblioteca, luta de classes e o posicionamento da Biblioteconomia Brasileira: algumas considerações. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, 2010. Semestral. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/16023/10442>>. Acesso em: Acesso em 10 jul. 2016.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil**. 2007. 246f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação / Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECID-79CMVL>>. Acesso em 10 jul. 2016.

SOCIAL MEDIA. Blog. **A era da informação social: bem vindo de volta às tabernas!** Jul. 2011. Disponível em: <<http://www.i9socialmedia.com/a-era-da-informacao-social-bem-vindos-de-volta-as-tabernas/>>. Acesso em: 01 abril 2016

SOUZA, Sebastião de. Fundamentos filosóficos da Biblioteconomia. **Revista de**



Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v.14, n.2, p.189-196, jul./dez.1986. Disponível em <<https://medium.com/@morenovsky/fundamentos-filos%C3%B3ficos-da-biblioteconomia-d91ef76768a2#.25f6k13v5>>.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro**. Editora da UFSC, 1990.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Biblioteconomia, Educação e Sociedade**. Florianópolis: UFSC, 1993.

TELLO, Felipe M. Bibliotecas y sociedad: reflexiones desde una perspectiva sociológica. **Revista Interamericana de Bibliotecología**. Jul.- Dic. 2005, vol. 28, no. 2, p. 117-133. Disponível em <<http://librinsula.bnjm.cu/1-205/2005/marzo/61/entrevistas/entrevistas153.htm>> Acesso em 10 jul. 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro. Biblioteconomia e mudança social: por um bibliotecário ao lado do povo. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 207-215, jul./dez. 1988. Disponível em <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2011/07/pdf_4caf8e622a_0017665.pdf>. Acesso em 10 jul. 2016.

WEINBERGER, D. **A nova desordem digital**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

FOR A MORE SOCIAL LIBRARIANSHIP: INTERFACES AND PERSPECTIVES

ABSTRACT: Through a theoretical-practical discussion, the present work aims to present considerations regarding the interfaces and perspectives of Social Librarianship as an object of research and action in society. There is a need to promote access and mediation of information both in the digital environment and in traditional analogue environments so that people are able to reflect and develop a critical sense to exercise their rights, their citizenship and live in a more just and equal society. It is characterized as a descriptive and exploratory research according to the objective and bibliographical in relation to the means used. It is concluded that a theoretical and practical rethinking is necessary in the formation and actuation of the librarian in the present time, that is able to break paradigms and find ways to correspond to the demands of information all the people, causing the profession to restructure in order to Become socially relevant in the everyday on and off line in a new society that is becoming more and more collaborative and connected.

Keywords: Social librarianship. Librarianship – Formation. Librarianship – performance. Digital culture.